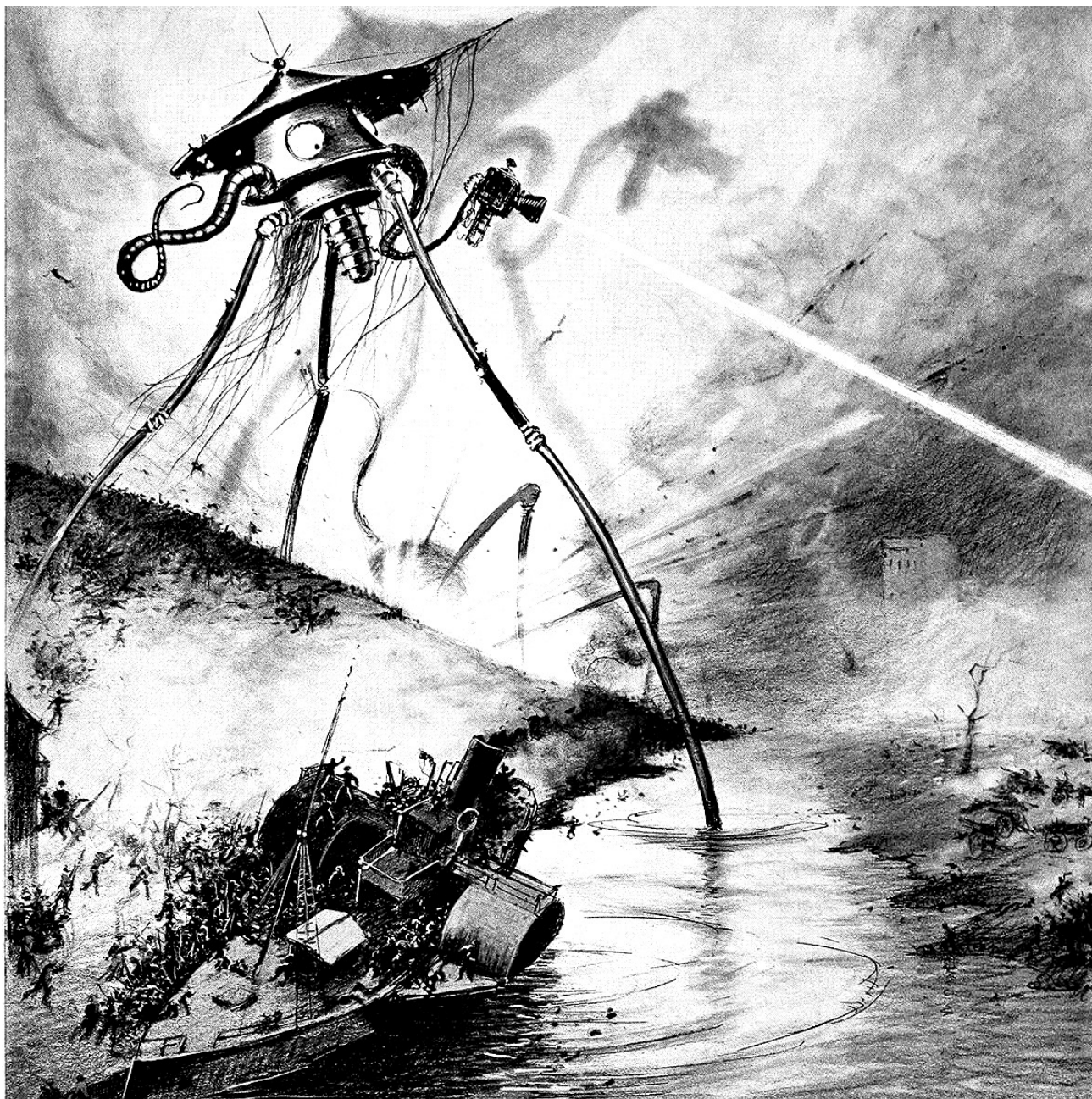


# nordês

PERIÓDICO ANARQUISTA

UMHA COLABORAÇOM ENTRE  
ARDORA (S)EDIÇONS ANARQUISTAS  
E COLAPSO ZINES



N16 · OUTUBRO 2019

SOBRE O POVO CATALÁM

REPRIMEN A SOLIDARIEDADE

DE CHILE

# SOBRE O POVO CATALÁN

ARDORA (S)EDIÇÕES ANARQUISTAS

**A**chamos que o posicionamento político, nestes momentos em que muitas companheiras estão a fazer parte dos protestos em Catalunha, é imprescindível para não ficarmos à margem dos conflitos. Não queremos perder a oportunidade de contribuir criticamente com uma proposta libertária que aposte na rutura e na desestabilização do Estado espanhol.

A situação vivida nestes dias nalgumas ruas de Catalunha evidencia (mais uma vez) a natureza coercitiva e autoritária dos Estados. O anarquismo vem denunciando historicamente a condição destes como aparatos repressivos ali onde despregam as suas hierarquias, mas este momento de tensão elevada

coloca muitas pessoas, não necessariamente anarquistas, nesta encruzilhada. A deriva punitiva do Estado contra a organização política e social das pessoas lembra-nos inúmeros casos que no movimento libertário sofremos até hoje.

A decadência do estado espanhol e a ineficácia das instituições proto-estatais catalanas fazem-se evidentes em setores alargados da população. O descontento chama a tomar as ruas, e isso quer dizer auto-organizar-se sem intermediários nem representação política, tecer laços de solidariedade e apoio mútuo através da ação direta, materializada de diferentes formas que som aceites pelo povo.

Somos contra a construção de estados, seja o catalán ou qualquer outro, por representarem o principal aparato repressivo

e gerador das misérias das pessoas, da mão do patriarcado e do capitalismo. Por esta razão, por um lado, o nosso apoio vai para o povo que luta por decidir individual e coletivamente o seu futuro como entidade territorial. A autodeterminação dos povos é também um exercício de autogestão, que necessariamente deverá levar a fins mais ambiciosos. Por outro lado, queremos ser prudentes com este processo de rutura, sabendo que os líderes políticos injustamente aprisionados têm planos de construção de uma sociedade de classes bem diferente à que o anarquismo quer construir, que já têm contribuído também na repressão contra as nossas companheiras e que estão a sofrer agora as suas políticas carcerárias.

# REPRIMEM A SOLIDARIEDADE

TEXTO DUN GRUPO SOLIDÁRIO REPARTIDO ESTES DIAS NAS RÚAS

**O**s cárceres escondem as provas do falho deste sistema. Som um poço sem fundo onde ocultar os desajustes da desigualdade social. Um tapete gigantesco baixo o qual varremos aquelxs que nom soubérom adaptar-se às exigências dum sistema classista e injusto. Por isso se constróem em lugares cada vez mais afastados das povoaçõs: para nom xs vermos.

Algumhas pessoas solidarias levamos anos tentando visibilizar este feito através de todo tipo de protestos. Nom o podiam permitir e por isso agora ameaçam com encarcerar-nos. A umha companheira pedem-lhe três anos de cadeia só polo facto de ser

convocante da XIII Marcha à prisom de Teixeira.

Vam já quase vinte anos que solidarixs de toda a Galiza convocamos marchas anuais ao cárcere de Teixeira com o fim de protestar contra o sistema penitenciário. Também pretendemos chegar-lhes um pouco de calor e apoio às pessoas ali encerradas, amosar que nom todxs nos esquecemos do seu sofrimento.

Dar visibilidade a aquilo que deve estar escondido? Nom havia poder suportar tal infâmia o aparelho repressivo, assim que logo começárom a intimidar xs assistentxs. Primeiro plantárom árvores frente ao lugar dos protestos, para evitar que xs presxs vissem xs manifestantes. Continuárom sancionando aquelxs

*imputárom  
penalmente a  
pessoa que  
solicitara o  
permisso com  
petiçom fiscal de  
três anos de  
prisom. Para  
outras duas  
pessoas  
assistentes pedem  
penas inferiores  
a dous anos em  
relaçom aos  
forcejos*

que levavam petardos para que tampouco pudessem ouvir-nos. Mais adiante picárom-nos as rodas de todos os carros, para demonstrar que nom se importam nem com a sua própria legalidade na guerra sucia contra a solidariedade. Logo sancionárom xs condutores dos veículos por supostamente estarem mal estacionados. Como ao ano seguinte fomos de autocarro, multárom todxs xs assistentxs, pois nom se convocou legalmente. Até que no ano 2013, após uns leves forcejos entre guardas civis e mani-

festantes que tiravam petardos, imputárom penalmente a pessoa que solicitara o permiso com petiçom fiscal de três anos de prisom. Para outras duas pessoas assistentes pedem penas inferiores a dous anos em relação aos forcejos. As marchas, claro, continuam a realizarem-se.

Sete anos mais tarde, o aparelho repressivo ao que chamam “justiça” senta no banco xs nossxs companheirxs. A desproporçom das acusaçoms mostra que para este sistema nom há pior crime que a solidariedade e a dissidência. Chega o momento de enfrentar a repressom e o castigo.

Chega o momento de demonstrar que na luta pola liberdade todxs estamos comprometidxs. Solidariedade com as pessoas solidarias! Agora e sempre: Se nos tocam a umhx, tócam-nos a todxs!

Abaixo os muros das prisons!



# DE CHILE

**C**ompanheirxs chilenxs fam-nos chegar o seguinte comunicado, pedindo difusom da realidade que estám a viver:

Umha semana antes de iniciarem-se as primeiras manifestaçõs de desobediência civil contra o governo e o modelo económico neoliberal.

Hoje, 23 de outubro, inicia-se a quarta noite de toque de recolher na capital de Santiago, Valparaíso, Concepción e outras 9 zonas em distintas regions. O levantamento social já se estendeu por todo o território nacional. A militarizaçom das cidades nom foi um impedimento para que as pessoas sigam saindo às ruas, achegndo cada quem segundo as suas capacidades; já for por meio de tocar buzina, carcerola, pintar as paredes e até os enfrentamentos abertos com as forças de “segurança”.

As açõs iniciam-se com a determinaçom dxs estudantes secundárixs, quem fõrom capazes de responder oportunamente à medida tomada pola empresa administradora encarregada da rede de metro de Santiago, em aumentar em 30 pesos o valor umha portagem diária, chegando a ter um custo de mais dum dólar. A semana passada iniciou-se com massivas jornadas de evasom ao sistema do metro. Se bem o movimento social ainda nom conta com caras visíveis, as consignas escuitadas na rua falam claramente dum mal-estar social agudo, fundado por 30 anos de administraçom económica injusta e desigual, onde as empresas estrangeira repartem o botim sem deixarem absolutamente nada para a pessoa traballadora, quem se vê na penosa necessidade de ter que pagar o seu sustento básico praticamente com dívidas. Esta situaçom atravessa o sistema de pensons; a privatizaçom da água, da saúde, da educaçom; a militarizaçom e saqueio do território mapuche (Wallmapu); a devastaçom do território natural em prol de grandes plantaçõs de abacateiros, pinheiros e eucaliptos; e inumeráveis abusos sociais e económicos que afogam o quotidiano de todas as pessoas que nom pertencem às poucas famílias donas do território chileno.

A resposta da classe governante perante as demandas sociais foi só a intransigência e a violência. A utilizaçom do terrorismo de Estado foi o recurso utilizado com maior energia para calar a voz do povo que se levanta exigindo respeito e dignidade. Demonstrando com ele que a classe política chilena nom está à altura das circunstân-

cias. Produto deste estado das cousas, hoje segundo cifras oficiais fala-se de 15 pessoas mortas, mais de 1.600 detidxs e inumeráveis pessoas feridas. A respeito deste último ponto, é necessário dar conta que estas cifras só correspondem a cifras oficiais, mas por meio das chamadas 'redes sociais', foi possível obter imagens de pessoas mortas, cujos corpos som encontrados em estranhas circunstâncias, o que traz dúvidas a respeito da versom oficial. Graças às redes sociais e à sua capacidade de transmitir imagens de vídeo e áudio de forma praticamente instantânea, pudemos dar conta dumha importante quantidade de abusos e torturas aos que estão a ser submetidas todas aquelas pessoas que protestam contra o regime; a violência e a prepotência com que as forças de segurança arremetem contra a população. Existem numerosos registros de pessoas detidas, inclusive algumas no interior das suas próprias casas, sacadas à força e com extrema brutalidade a plena luz do dia, diante do olhar da vizinhança e de quem ainda lembra os horrores do regime de Augusto Pinochet e o berro impotente das gerações mais novas. Existe também a preocupação por casos de pessoas que fôrom detidas durante os primeiros dias de revolta e das quais ainda se desconhece o paradeiro. Estes casos repitem-se a cada hora que passa, com o que se fai mui difícil ter umha ideia exata de quantas pessoas estão a ser vítimas da

repressom do Estado. Porém, dentro de toda esta escurisom que se deixou cair sobre este recanto do planeta, algumha cousa é clara, e é que a ditadura nunca marchou, só se disfarçou de democracia.

Para os dias 23 e 24 de outubro distintas organizaçoms sociais e gremiais convocárom um paro geral, representando a primeira apariçom das distintas organizaçoms sociais, demonstrando assim o caráter apolítico destas protestas. O descontento social é o reflexo do distanciamento entre a classe política e os verdadeiros produtores desta parte do continente. Porque é necessário lembrar que a agudizaçom do conflito social nom responde só a temas particulares de cada país, este levantamento responde a um contexto sul-americano de abusos e saqueio da natureza ou pacha-mama (como dizem algumas pessoas nativxs por aqui) por parte das empresas transnacionais coludidas com a classe política, a que por sua vez formam umha uniom bastarda entre a elite política e económica de cada naçom.

Neste texto fazemos um chamado à solidariedade internacional e a denunciar, condenar e se é possível acionar contra o terrorismo de Estado em Chile e os demais países da América do Sul.

Basta de criminalizar a luita social.

América do Sul rebelde sem bandeiras nem fronteiras.

Por umha nova ordem social, fora imperialistas.

A determos o saqueio nos nossos territórios, fora transnacional da Amazónia e do resto da América do Sul.

Liberdade e autodeterminaçom para os povos nativos de Alasca até Patagónia.

-Apontar que desde o dia 23 em que se escreveu este comunicado passárom várias cousas relevantes:

Na sexta-feira dia 25 tivo lugar umha marcha de mais de 1.200.000 pessoas em Santiago de Chile para exigir que as forças armadas deixem de ocupar as ruas, retirar todas as leis que vão contra o povo e convocar umha assembleia constituínte para lograr umha nova constituíçom. A marcha foi a mais massiva da democracia chilena e a presom contra Piñera lembrava as concentraçoms do povo contra Pinochet.

No sábado 26 o exército informou de que se levantava o toque de recolhida e Piñera comunicou que queria rematar com o estado de emergência o antes possível. Obviamente isto é umha tática do governo para calmar o povo esperto e em luita.

Estade atentas às redes para manter-vos bem informadas do que acontece.

Arriba as que lutam!

# A TORTURA SINDICALIZADA

**E**m novembro de 2018, Iñaki Rivera era entrevistado no programa ‘Todo se mueve’ de TV3, no qual falárom das mortes de pessoas privadas de liberdade nos Departamentos Especiais de Regime Fechado (DERT) em Catalunha. Neste regime as presas passam vinte e umha horas nas suas celas, isoladas, produzindo-se casos como o do centro de Brians I, onde nos últimos quatro anos um mínimo de três internas suicidárom-se ou morrérom em estranhas circunstâncias. Umha das vítimas foi Gina Katherine Gómez, de vinte anos, a quem em agosto de 2018 encontrárom morta na sua cela de isolamento. A interna estava medicada, tinha antecedentes psiquiátricos e ameaçara com suicidar-se em várias ocasiões. Contudo, passou setenta e cinco dias

em regime fechado, ainda recomendando a normativa internacional que a situação de isolamento nunca supere os quinze dias polo bem da saúde mental das internas. De facto, segundo dados do Conselho Europeu, as mortes por suicídio neste regime som doze vezes superiores às registadas no regime ordinário. Na sua intervenção no programa, Rivera assinalava que as mortes em estranhas circunstâncias, as torturas, os maus-tratos e as vexações nos DERT das prisons catalanas -e também nos regimes de isolamento das prisons do Estado espanhol- “nom som casos isolados, como denuncia, de há anos o SIRECOVI e o OSPDH graças às visitas semanais aos centros penitenciários e o contato com pessoas presas e as suas familiares. Segundo os dados publicados no informe anual do Mecanismo de Prevençom

da Tortura do Defensor do Povo, em 2018 abrírom-se 59 procedimentos administrativos e judiciais por maus-tratos (15 deles em Brians I), a maior parte deles por denúncias de agressions e vexações por parte dos funcionários.

A verdade dói e estas afirmações de Rivera visibilizam o que os sindicatos como a Agrupaçom de Pessoal Penitenciário do Sindicato Comissions Obreiras (CCOO) tentan ocultar.

Por esta razom apresentárom de forma imediata umha denúncia contra Rivera por calúnias com agravante de publicidade, e pedem dous anos de cárcere. Tal como fam público na rede social do sindicato: “lamentamos nom termos chegado a um acordo com Iñaki Rivera, para que, matijando as suas declarações, clarificasse que a sua denúncia nom procurava

generalizar a acusação a todos os funcionários. Isto permitiria tratar a denúncia dumha outra forma”. À denúncia de CCOO soma-se a sectorial de prisons Central Sindical Independente de Funcionários (CSIF).

As denúncias feitas por Rivera estão recolhidas e documentadas em informas de diversos organismos nacionais e internacionais. De facto, organismos referenciais na matéria como a Organização Mundial

Contra a Tortura, junto com a Federação Internacional dos Direitos Humanos, divulgaram um comunicado em apoio a Rivera no qual interpelam o governo catalão e estatal para impedirem este ato de represália declarando que “esta denúncia não pode mais que ser interpretada como umha tentativa de dissuadir o Iñaki Rivera, o equipo do OSPDH e SIRECOVI e outras entidades dos direitos humanos que

trabalham nas prisons, da sua ação de denúncia da violência institucional e da vulneração dos direitos e constitui um ataque injustificado ao direito e liberdade de expressão”

Resposta dada também na conta de twitter de @portuariosBCN a las evasivas de CCOO... “Se no teu sindicato dói que se denunciem TORTURAS, quiçá a alguém afiliado se lhe esteja indo a mão. Quiçá.”



**Ardora**  
(s)edições anarquistas

ARDORAEDITORIA.INFO · ARDORA@BASTARDI.NET

COLAPSO  
—| ZINES |—

COLAPSOZINES@RISEUP.NET